



**Declaração à imprensa do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva,  
durante visita de trabalho ao Brasil do Presidente do Uruguai, Jorge Batlle  
Ibañez**

**Palácio do Itamaraty, 12 de maio de 2003**

Excelentíssimo senhor Jorge Batlle, presidente da República do Uruguai,  
Senhores ministros, representantes da delegação uruguaia,  
Meus ministros,  
E meus amigos da imprensa,

Deu-nos muito prazer receber hoje, para uma visita de trabalho, o presidente Jorge Batlle. Tivemos uma longa e proveitosa conversa e avançamos muito em relação à nossa primeira troca de idéias, em dezembro de 2002, quando, na condição de Presidente eleito, tive a oportunidade de recebê-lo aqui. Estamos nos entendendo bem e, como não há contenciosos na nossa agenda bilateral, esse bom entendimento só pode resultar em um Brasil e Uruguai mais próximos, mais unidos e melhor integrados.

O presidente Batlle já morou e trabalhou entre nós, no Rio Grande do Sul. Fala português. Ele nos conhece muito bem, tão bem que não preciso sequer ficar mencionando o tema da amizade entre nossos dois países. Ele sabe, por vivência própria, que a amizade brasileiro-uruguaia não é uma figura de retórica, mas uma experiência cotidiana de dezenas de milhares de homens e mulheres nos dois lados de nossas fronteiras.

Conversamos sobre muitas coisas. Focalizamos, em particular, a América do Sul, onde temos que comemorar o bom andamento dos processos eleitorais, argentino e paraguaio, e uma certa melhora nas condições da economia. Focalizamos, depois, o Mercosul e, finalmente, nosso relacionamento bilateral.

Transmiti ao presidente Batlle minha percepção sobre o quadro internacional



de hoje. São muitas as interrogações na esfera política, depois da ação militar contra o Iraque, sem o aval do Conselho de Segurança da ONU. Por outro lado, nada indica que haverá rápido movimento de recuperação da economia internacional.

No comércio, também, as coisas pouco avançam: os países desenvolvidos continuam a prometer muito e a oferecer pouco. Seus mercados continuam fechados a grande parte de nossos produtos, em particular onde temos vantagens comparativas.

Para países como o Brasil e o Uruguai, essas distorções são particularmente intoleráveis no comércio agrícola. Somos dois países extremamente eficientes e competitivos nessa área e, juntos, deixamos de ganhar bilhões de dólares anualmente em exportações nesse setor.

O presidente Batlle e eu sabemos que a solução para o atoleiro em que se converteu o comércio agrícola mundial passa pela Organização Mundial do Comércio, sobretudo, no que se refere à eliminação dos subsídios. Precisamos desbloquear os impasses na rodada de Doha. Vamos lembrar a nossos parceiros que, sem concessões substanciais na área agrícola, temos pouco interesse em discutir os demais itens da rodada. Mas a questão dos subsídios e de outras barreiras não-tarifárias têm que ser enfrentadas também nas negociações da Alca.

Temos de exercer pressão. Conversei com o presidente Batlle sobre a conveniência de o Mercosul, unido, voltar a lutar pela liberalização do comércio agrícola internacional. O melhor momento para provocar essa questão será em Evian, na França, em junho, na próxima reunião do G-7, que são os países que mais dificuldades colocam na OMC. Eu estarei lá, como convidado. O recado que vou levar é que a melhor ajuda que deles podemos receber, para acabar com a fome e a miséria em nossos países, não é esmola ou tapinhas nas costas, mas o fim das barreiras à entrada de nossos produtos.

Concordamos em trabalhar juntos, também, na Alca, para que o processo negociador se dê de forma eqüitativa e equilibrada, levando em conta os diferentes níveis de desenvolvimento econômico e social dos países do Hemisfério.



É essencial pensar na construção de uma arquitetura política do Mercosul e na expansão e fortalecimento das instituições hoje sediadas em Montevideu. Esse caminho repercutirá tanto em cada um de nossos países, quanto no relacionamento da América do Sul com o resto do mundo.

O presidente Batlle e eu vamos continuar trabalhando para aumentar o comércio intrazonal, para consolidar a União Aduaneira e transformá-la num verdadeiro Mercado Comum. Só assim teremos êxito na negociação com outros países e blocos.

O Brasil é sensível às dificuldades econômicas pelas quais atravessa o Uruguai e está disposto a ajudar. Vamos conceder o apoio financeiro do BNDES e de bancos regionais para estimular as exportações uruguaias, realizando investimentos e criando novas oportunidades para a retomada do crescimento e do emprego. O importante é ajudar o país a melhor se integrar nas cadeias produtivas do Mercosul.

Apoiamos os trabalhos realizados no âmbito da iniciativa para a Integração da Infra-Estrutura Regional Sul-Americana (LIRSA), para a integração física e para o incremento dos intercâmbios comerciais.

Registramos, ainda, a retomada dos entendimentos relativos à integração elétrica entre nossos dois países na fronteira Rivera/Santana do Livramento. Decidimos retomar os estudos para a construção da represa de Talavera e a extensão do gasoduto "Cruz del Sul" até o estado do Rio Grande do Sul.

O Uruguai, por suas tradições e independência, é um sócio essencial do Mercosul. O Uruguai é um parceiro político que interessa ao Brasil ver economicamente estável. As demandas uruguaias não podem ser olhadas puramente sob o prisma da vantagem econômica de curto prazo.

Há muitas oportunidades comerciais por explorar. Os dois governos estão dispostos a fazer a sua parte, incentivando a utilização do Convênio de Pagamentos e Créditos Recíprocos como mecanismo para facilitar as operações comerciais.

Vamos incentivar a criação de "joint ventures" entre nossas empresas,



inclusive com o apoio de linhas de financiamento de bancos oficiais brasileiros. O empresariado brasileiro continua disposto a investir no Uruguai. Prova disso são os empreendimentos previstos na produção de malte, na indústria frigorífica e na mineração de quartzo e no beneficiamento de silício.

Reafirmamos, finalmente, a necessidade de combater o terrorismo e as ameaças à paz e à segurança internacional, em conformidade com a Carta das Nações Unidas e com os instrumentos jurídicos em que são partes o Brasil e o Uruguai.

Quero dizer ao presidente Jorge Batlle que leve do Brasil a certeza absoluta de que, nos quatro anos de mandato que tenho, dedicarei grande parte deles para que a integração na América do Sul, para que o fortalecimento do Mercosul, deixe de ser apenas uma peça de discurso feita por muitos de nós em época de eleição. Quero dar a minha contribuição, a contribuição do Brasil, a contribuição do meu Governo para que a gente possa transformar a integração numa política concreta de investimentos e de ajuda mútua. E tenho certeza de que contarei com o apoio do Uruguai, porque, para nós, brasileiros, os uruguaios não são gente de um país diferente, mas verdadeiros irmãos.

Muito obrigado.